



GOVERNO DO ESTADO DO  
**AMAZONAS**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE ARANTES E TURISMO**  
**CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA**

CHARLES BRONSON GATO DE SOUZA

**MOVIMENTOS DE CENA E O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO DA TRIBO**  
**COREOGRAFADA DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSO**

MANAUS - AM

2022

**CHARLES BRONSON GATO DE SOUZA**

**MOVIMENTOS DE CENA E O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO DA TRIBO  
COREOGRAFADA DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), como requisito para obtenção de nota referente à Disciplina de Orientação de Projeto de Pesquisa ministrada pela Profa. Dra. Jeanne Chaves de Abreu.

Professora. Orientadora: Dra. Yara dos Santos Costa Passos.

MANAUS - AM

2022

**CHARLES BRONSON GATO DE SOUZA**


**MOVIMENTOS DE CENA E O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO DA TRIBO  
COREOGRAFADA DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSSO**


Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Banca Examinadora.

Manaus, 28 de Maio de 2022

Banca Examinadora

  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Yara dos S. Costa Passos

  
Profa. Ma. Carmem Lucia Meira Arce

  
Profa. Esp. Muriell Gonçalves da Silva

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente a Deus, por me dar forças e discernimento para continuar com meus objetivos, guiando meus passos e pensamentos persistindo com fé na busca da realização de meus sonhos, conquistando vitórias significativas diariamente, sendo e dando orgulho a todos aqueles que acreditaram em meu potencial, como ser humano, sem pensar na desistência mesmo em meio às dificuldades enfrentadas.

Aos meus pais, pessoas simples, amorosos e de coração grandioso, incentivadores de todos os meus projetos e inspirações em minha carreira profissional escolhida, da qual me dedico de corpo e alma. A toda a minha família. Gratidão. Em especial a minha irmã que participou indiretamente no decorrer dessa caminhada acadêmica.

A professora doutora e grande mestra Yara Costa, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa e ter me orientado com dedicação e confiança que a mim foi passada em todo decorrer desse trabalho.

Aos meus amigos que me deram o suporte necessário e apoio incondicional para a conquista desse primeiro sonho, em especial ao Janderson.

As agremiações folclóricas Bois-Bumbá Caprichoso e Garantido por total contribuição cultural em minha trajetória de vida artística.

A Universidade do Estado do Amazonas, pela oportunidade de me formar um profissional da área da Dança, proporcionando conhecimentos com excelentes profissionais capacitados que me prepararam com muita dedicação para o concorrido mercado de trabalho e pronto a enfrentar a vida sem medo com segurança e determinação.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, Manuel Heleu Santos de Souza e Neibi Barbosa Gato, também a minha irmã Helize Gato de Souza, foi por meio deles com dedicação e força que, obtive o incentivo dar continuidade e finalizar o curso. Gratidão as pessoas especiais que conheci durante a minha estada nessa cidade, que foi recíproca para comigo em todos os momentos, assim pude chegar até aqui.



## RESUMO

Este estudo demonstra o importante papel dos movimentos de cena e dos valores da cultura indígena inseridas no processo criativo nas mudanças ocorridas nas Tribos Coreografadas do Boi Bumbá Caprichoso, pode ser visto que, desde o surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação tem havido mudança. Suscita debates e estudos diversos sobre dança, por isso escolheu-se o período do ano de 2014 a 2017 como principais referências. A coleta de dados realizou-se por meio de entrevista semi-estruturada com coreógrafo do Boi Bumbá Caprichoso. Através de pesquisa bibliográfica, e de campo, adentramos no contexto folclórico boi bumbá no maior festival a céu aberto do mundo. Infere-se que, por meio da coreografia, existem forças que, mesmo sob a influência da fetichização da vida, podem produzir fenômenos sociocultural para superar as aparências e gerar mudanças. O objetivo deste estudo foi o de demonstrar, contribuir e compreender como as festas populares amazônicas como os bois-bumbás de Parintins, mesmo na sua versão espetacular, utiliza-se de expressões artísticas do imaginário regional, destacando questões fundamentais sobre a diversidade social e cultural da Amazônia, indo além do espetáculo e alegria apresentando o conhecimento e cultura de nossa gente.

**Palavras-Chave:** Boi-Bumbá de Parintins; Tribos Coreografadas; Boi Caprichoso; Imaginário Amazônico.

## ABSTRACT

This study demonstrates the important role of scene movements and values of indigenous culture inserted in the creative process in the changes that occurred in the Choreographed Tribes of Boi Bumbá Caprichoso, it can be seen that, since the emergence of new information and communication technologies, there has been change. It raises debates and diverse studies on dance, so the period from 2014 to 2017 was chosen as the main references. Data collection was carried out through a semi-structured interview with the choreographer of Boi Bumbá Caprichoso. Through bibliographic and field research, we entered the folkloric context of boi bumbá in the largest open-air festival in the world. It is inferred that, through choreography, there are forces that, even under the influence of the fetishization of life, can produce sociocultural phenomena to overcome appearances and generate changes. The objective of this study was to demonstrate, contribute and understand how popular Amazonian festivals such as the bois-bumbás of Parintins, even in their spectacular version, use artistic expressions of the regional imagination, highlighting fundamental questions about social and cultural diversity. of the Amazon, going beyond spectacle and joy, presenting the knowledge and culture of our people.

**Keywords:** Boi-Bumbá de Parintins; Choreographed Tribes; Capricious Ox; Amazonian Imaginary.



## FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> - Bumbódromo visto de cima.....   | 22 |
| <b>Figura 2</b> - Apresentação do Boi Garantido em Parintins.....                       | 23 |
| <b>Figura 3</b> - Apresentação do Boi Caprichoso em Parintins.....                      | 24 |
| <b>Figura 4</b> - Apresentação do pajé e coreógrafo com as tribos coreografadas.....    | 30 |
| <b>Figura 5</b> - Apresentação Charles Bronson.....                                     | 32 |
| <b>Figura 6</b> - Trajetória atuando como bailarino do Caprichoso Troup Caprichoso..... | 34 |

**TABELA**

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1</b> - Rituais e lendas do boi Caprichoso do ano de 2014 e 2017..... | 37 |
|---|----|

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>11</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 – CULTURA, CORPO AMAZÔNICO E BOI BUMBA.....</b>                | <b>15</b> |
| 1.1 Perspectivas Conceituais de Cultura.....                                 | 15        |
| 1.2 O Corpo Amazônico.....   | 17        |
| 1.3 Boi Bumbá.....   | 18        |
| 1.4 Festival de Parintins.....   | 21        |
| 1.4.1 Boi Bumbá Garantido.....   | 22        |
| 1.4.2 Boi Bumbá Caprichoso.....  | 24        |
| 1.5 Coreografia.....   | 26        |
| <b>CAPÍTULO 2 – CAMINHOS PERCORRIDOS.....</b>                                | <b>29</b> |
| 2.1 Resultados.....  | 29        |
| 2.1.1 Erick Beltrão, história e trajetória do Coreog. do Boi Caprichoso..... | 29        |
| 2.2 Trajetória na Tribo Coreografada do Boi Bumba Caprichoso.....            | 32        |
| 2.3 Toadas do Caprichoso e sua importância no processo de criação .....      | 35        |
| 2.4 Imaginário e suas influências nos processos de criação em cena.....      | 38        |
| 2.5 Os sentimentos da ilha encantada do Festival de Parintins.....           | 41        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>44</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>45</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>  | <b>48</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>50</b> |

## INTRODUÇÃO

Neste estudo sobre o Festival de Parintins, infere-se que é uma manifestação cultural da Amazônia, e que agrega elementos imaginários, segundo Nogueira (2014, p. 242) "[...] o imaginário amazônico é o repertório cultural dos povos pré-colombianos, dos povos indígenas pós-Colombo, de colonizadores europeus, dos africanos escravizados, dos novos migrantes nacionais do século 17 ao 21", é um espetáculo de entretenimento, e os modos de produção artística constitui a cultura popular brasileira. Colabora na difusão da cultura amazônica com sua história, perspectivas sociais e ambientais ao resto do mundo. Este festival tem o reconhecimento nacional e internacional, tanto das mídias, quanto da população vivente no Estado do Amazonas.

O que se observa é que, nos dias do festival, transmitido em rede nacional para o mundo, " [...] a brincadeira incorporou novos personagens, desenvolveu dança coreográfica, gênero musical próprio, percussão e criou uma narrativa que mistura os fundamentos do boi-bumbá com os do imaginário amazônico" (NOGUEIRA, 2014, p. 243). É transformado desta forma no grandioso espetáculo feito na ilha de Parintins, no meio da floresta Amazônica.

Visando a melhor compreensão deste estudo, escolhemos as tribos coreografadas do Boi Caprichoso. A espetacularização dos bois de Parintins é o resultado do efeito da vida moderna, da sensação, da radicalização de coreografias sobre o espetáculo, onde a coreografia chama a atenção, prende os olhares dos espectadores, a espetacularização é a manifestação e a superexposição, com supervisibilidade midiática. É por meio da hegemonização dos sentidos, da sensibilidade do imaginário popular.

O Boi-Bumbá de Parintins, apresenta crescimento turístico positivo, e desde sua origem até dias atuais, contribui com os fatores financeiros, sociais, culturais de vários municípios do interior do Amazonas, aportado principalmente em Parintins, onde o movimentando é grande por parte da população, desenvolvendo produtos artesanais, comidas típicas e outros como forma de sobrevivência.

Hoje, a cultura popular Boi Bumbá de Parintins, é reconhecida em votação unânime como Patrimônio Cultural Nacional, dia 09 de novembro de 2018 recebe o título merecidamente atribuído à grandiosidade da festa, em um contexto social, político-econômico e cultural, sendo passado de geração a geração, fortalecendo a cultura do povo amazonense que ali vive, sente, aprende, ensina e brinca a verdadeira festa de boi, seja ela no terreiro, na rua ou na arena.

Ressalvo que, constam nas festas de bois-bumbás manifestações de apreço às culturas indígenas, assim como o Carnaval, onde todas as raças brancos e negros podem se sentir orgulhosos da sua ancestralidade africanas, indígenas ou europeias de sua brasilidade mestiça, de povos que aqui vieram viver e habitam ainda hoje.

No entanto, do conjunto das expressões artísticas dos bois-bumbás, a música, no gênero toada de boi, é a que mais se sobressai como agente de inovação, em razão dos seguintes motivos é dela que emana a coreografia, a performance e os itens individuais, a elaboração de alegorias e da energia que emana, e anima os brincantes e as galeras. Como produto, as toadas também circulam mais rápido no mercado e muitas delas se transformam em peças antológicas duradouras. Suas mensagens são em estilo próprio, com discurso musical e a hibridização da música folclórica, com música comercial tematizada, que na realidade e no imaginário amazônico é o que o diferencia as manifestações do boi bumba no Amazonas.

Portanto, os índios amazônicos no seu espetáculo boi-bumbá com seu conjunto mediada de imagens também por meio da recriação de suas culturas, passa a existir além das aldeias, dos tratados antropológicos que circundam as universidades. Assim sendo, é possível compreender o Boi Bumbá de Parintins como um veículo de comunicação e conscientização de aspectos culturais, de manifestos latentes de povos que, viveram e vivem historicamente com suas tradições e suas contradições.

Do ponto de vista da abordagem temática, este espetáculo do boi-bumbá expressa o diálogo multicultural, onde índios, brancos, negros e mestiços celebra o desejo da convivência harmoniosa em forma de espetáculo.

O boi-bumbá representa, possibilidades de sobrevivência de tradições e cada uma dessas culturas hoje faz a diferença no mundo globalizado e midiático que alcança o mundo todo e mostra e traz coisas boas ao povo que trabalha para dar o seu melhor, para as tradições e a modernidade e são fluxos culturais que, interagem e se mistura permanentemente entre os povos do mundo.

A Associação Cultural do Boi Bumbá Caprichoso, conhecido como Boi Caprichoso, representado pela cor azul, é uma das duas agremiações dos bois bumbas que se apresenta a cada ano no Festival Folclórico de Parintins no Estado do Amazonas, Brasil, competem em diversos itens, em número de vinte tribos que são coreografadas. E dentro desse desenvolvimento de dança coreográfica, este estudo se potencializa, justificando compreender a evolução dos movimentos empregados no item de tribo coreografada, bem como da trajetória do coreógrafo no processo de criatividade para a construção da dança no ambiente de aprendizado. Esta pesquisa se faz necessária, por estar atuando neste meio boi bumbá, ir a busca de saber, conhecer teóricos e artistas que, atuam nesta área de entretenimento, poder demonstrar o papel dos movimentos de cena.

Percebe-se que, os valores das diversas culturas são inseridas neste processo, a cultura indígena desde o início das apresentações do boi bumba, em meados dos anos de 1965 quando se iniciou o Festival Folclórico de Parintins, ao que se verifica é uma variante do boi do Nordeste que agregou elementos do imaginário amazônico com seu repertório cultural dos povos pré-colombianos, povos indígenas pós-Colombo, e de colonizadores europeus, de povos africanos que aqui foram trazidos e escravizados, e de novos migrantes nacionais dos séculos 17 ao século 21.

Portanto, é neste meio que imergimos com o propósito em melhor compreender como se dá estes saberes, conhecimentos do boi bumba de Parintins, inseridos nesse processo criativo, expandindo as mais diversas sensações, e a recriação destes ritos xamanísticos que são de fundamental importância.

No entanto, é por meio de pesquisas tanto teóricas, quanto *in loco*, que se vai adentrar no contexto folclórico do boi bumbá, para a arena do maior festival a céu aberto do mundo. Em sendo e, agregando dentro do espetáculo uma importante demonstração cultural vivida pelo povo parintinense é que, se pós a observar que, a tribo coreografada traz uma bagagem e sincronia, com dinâmica e criatividade nos movimentos e nos ritmos, são elementos que, compartilhados com toda a expressividade do movimento é que se justifica a pesquisa. Esta terá a participação do bailarino no Boi Caprichoso dos anos de 2014 a 2017, que traz diversas experiências, esta agregou valores no momento da análise, por meio da produção artística de coreógrafos envolvidos neste que é um dos maiores festivais folclóricos do mundo.

O Capítulo I trata da cultura, sendo esta a caracterização do estado de espírito cultivado pela instrução, a cultura pode ser entendida como a soma dos saberes que foram acumulados ao longo do tempo. Capítulo II segue a trajetória e a história, e os resultados da vida e da arte de Erick Beltrão Coreografo do Boi Caprichoso. A seguir os resultados, as considerações finais e as principais referências do trabalho com o uso dos seguintes autores: Nogueira (2014); Carvalho e Carvalho (2012); Leão (2011); Yaguarê (2007); Canclini (2005) e Mello (2003).

## CAPÍTULO 1 – CULTURA, CORPO AMAZÔNICO E BOI BUMBA

### 1.1 Perspectivas Conceituais de Cultura

A definição de cultura depende muito do uso empregado, a cultura abrange várias áreas disciplinares diferentes, quando empregada em agricultura por exemplo está relacionada ao ato de plantar e colher determinando a espécie de plantio. A cultura é oriunda da palavra *culturae* que tem sua raiz semântica da palavra *colore*, quer dizer *cultivar plantas* ou *ato de plantar*, originaria do latim que, significa proteger, honrar, cultivar e habitar. Para os pensadores iluministas, conforme destaca Canedo (2009) a cultura é caracterizada pelo estado de espírito cultivado pela instrução, a cultura pode ser entendida como a soma dos saberes que foram acumulados ao longo do tempo, e foram transmitidos de geração em geração pela humanidade, ao longo da história.

Define-se cultura como uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica 'relacionada ao tempo', de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana, permitindo que as ideias, a tecnologia e a cultura material se “empilham” no interior dos grupos humanos (MINTZ, 2017, p. 2).

Toda ação social pode ser considerada como cultura, é um termo com sentido amplo que pode indicar tanto a produção artística quando ao modo de vida, o conjunto de saberes, a religião e outras expressões de um povo. Todas as “práticas” feitas ou executadas pela sociedade, expressa ou comunica algum tipo de cultura, dessa maneira também, pode ser entendido que, práticas políticas e econômicas também possuem um aspecto cultural (DOS SANTOS, 2017).

Para Wagner (2018) a cultura também pode ser entendida como um mapa para o comportamento da sociedade, é através dela que é determinada se uma ação condiz com o pensamento das demais pessoas de uma região, e se uma determinada vestimenta é adequada ou não. Nossas ações recebem um forte peso da cultura e pode ser medido por aquilo que recebemos através da socialização. A cultura é tudo que o ser humano produz, e passa de geração em geração, servindo de modelo para interação dos demais integrantes da sociedade.



No Brasil, podemos dizer que a cultura é múltipla, a ideia de cultura é o conjunto de características humanas que são inatas, e que se criam, se preservam ou aprimoram através da comunicação, e cooperação entre indivíduos e a sociedade, ela nasce com povos originários, com povos os indígenas, em seguida com povos de diversas partes do mundo com suas colonizações, alguns autores como Amálio Pinheiro e Nestor Canclini apontam que, ocorreu um processo de hibridação cultural e de mestiçagem. Apresentamos a seguir um pouco do pensamento dos referidos autores.

Mestiçagem aqui não remete ao cruzamento de raças, ainda que obviamente o inclua, mas à interação entre objetos, formas e imagens da cultura. A mestiçagem não opera por fusão, que apaga as diferenças, nem por mero reconhecimento das diversidades, que as mantém isoladas: é sim um conhecimento a partir do bote canibalizando no alheio, em vaivém e zigzague, montagem em mosaico móvel dessas multidões de outros, suas linguagens e civilizações. Está, portanto, aquém das lógicas binárias da identidade e das oposições: as dualidades dos centros e das periferias não lhe servem (PINHEIRO *et al.*, 2009, p. 27).

Portanto, a mestiçagem é uma onça alegre que se alimenta de todas esses outros bichos, gentes, objetos, escondidos, abandonados e rejeitados. Sendo marchetaria, pigmentação, cerzidura não-ortogonal, filigrana miniatura mente concreta da cultura, desde sempre nômade e fractal, nunca está só nos conteúdos das mensagens: entra nas imagens e telas quando quer ou permite, ou quando aprenderam a inseri-la; pode estar nos babados dos quadris que andam e dançam, nos gestos e neurônios ou nos corpúsculos frutais de um poema, filme ou novela. Instaura uma necessária confrontação entre a velocidade cultural dos códigos e a velocidade virtual da telemática (PINHEIRO, 2009).

A cultura híbrida para Canclini (2015) ou o hibridismo cultural é o fenômeno histórico social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses desdobramentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. As práticas culturais são, mais que ações atuações, representam e simulam as ações sociais, mas só as vezes operam como uma ação. Isso ocorre não apenas nas atividades culturais expressamente organizadas e reconhecidas como tais; também os comportamentos ordinários, agrupados ou não em instituições empregam a ações simulada, a atuação simbólica.

Portanto, os discursos culturais ante algum conflito por vezes insolúvel com os recursos que se tem, a crítica e a atuação por meio de políticas sem poder para revertê-la. Inferimos que, as hibridações culturais são fronteiras para novas culturas onde cabem todas as artes, com outras artes, é como se fosse uma arte dentro e complementando a outra arte, isso é cultura híbrida para Canclini (2015), elas perdem a relação exclusiva com seu território e ganham em comunicação e conhecimento a um novo território outro meio geográfico cultural do mundo.

## **1.2 O Corpo Amazônico**

O corpo amazônico é constituído de diferentes linhagens étnicas, culturais, sociais, é um ser que tem as propriedades corporais, as disposições e as aptidões necessárias para manter relações com seus congêneres. Porém, no interior do Amazonas, o corpo ribeirinho e caboclo herda principalmente dos indígenas a formação da sua cultura, mantendo sua própria autonomia de renovação e reprodução. Apesar disso, principalmente com o avanço das tecnologias e acesso a internet, a cultura vai sendo influenciada por estes novos ambientes e modifica-se naturalmente (CARVALHO, 2012).

De acordo com a experiência ameríndia e para Yaguarê (2007) é da natureza do ser, em qualquer uma das suas manifestações, diferir de si mesmo, tornando-se outro. Cada ser é não só o que é, mas também, virtualmente, o que não é. A diferença intensiva, de afetos é interna ao ser, e a alteridade é constitutiva da identidade. Cada denominação humana, animais, plantas, espíritos etc., designa menos uma classe ou gênero de seres do que um tipo de experiência, uma qualidade, um modo de ser ou um ponto de vista, sempre passível de reversão. Por isso, diríamos que o ser ameríndio é menos um 'ser', uma essência, do que um 'vira-se', um 'tornar-se-outro'.

A Amazônia para Mello (2002) subverte essa ideia, duplamente, e se, para arqueólogos e antropólogos, boa parte da floresta amazônica, de natureza antropogênica, foi, por assim dizer, 'plantada' ao longo dos séculos pelos humanos sem esquecer a ação dos animais dispersores de sementes: pássaros, macacos, roedores etc., para os indígenas, a floresta é uma imensa plantação não humana, sendo cultivada pelos espíritos protetores.

Segundo Yaguarê (2007), o ameríndio tem em comum é uma percepção 'anímica' do mundo, ou seja, a capacidade superior de perceber o mundo, não como objeto, mas como sujeito. Apesar de tratar os indígenas como "primitivos" e o animismo como estágio da humanidade a ser superado, expressa muito bem este parentesco entre o corpo amazônico e o indígena: há muita semelhança entre a relação das criações com os animais e a dos primitivos. A criação não mostra ainda nenhum traço da arrogância que, leva o homem adulto e civilizado desenha uma fronteira nítida entre a sua natureza, e a dos outros animais. Sem hesitação, o indígena vê o animal como seu igual.

Portanto, a materialização do Corpo Amazônico em um espetáculo se realiza por meio de recursos humanos e técnicos especializados. Ironicamente, forças da razão e das encantarias míticas se juntam para tecer o espetáculo em favor do lúdico e do mercado. Para que essa metamorfose se processe, são imprescindíveis as telecomunicações e o aparato intelectual dos artistas plásticos, dos escultores, dos coreógrafos e dos diretores de teatro. A TV, o rádio, o jornal e a internet dão visibilidade ampliada a rituais e seres surreais oriundos da interpretação metafórica da vida material e espiritual das gerações atuais e anteriores (CANCLINI, 2003).

### **1.3 Boi Bumbá**

O boi bumbá tem sua origem no Brasil na região do nordeste por volta do século XVII, nessa época a criação bovina representava a principal fonte econômica da região, onde também a principal mão de obra era escrava.

A "Lenda do Boi Bumbá" é um conto brasileiro, cujo primeiro registo escrito data de 1840, que ganha contornos diferentes em cada região do país retratando, de um modo simbólico e alegórico, configurações sociais do período colonial, e revelando a relação de poder entre escravos e senhores, bem como as crenças religiosas da época (SANTOS, 2019, p. 5).

A lenda do boi bumbá é oriunda de dois escravos, que eram casados e estavam esperando um filho, Pai Francisco e Mãe Catirina. Estando grávida começa a ter desejos de comer a língua de boi, para satisfazer seus desejos da mãe Catirina, Pai Francisco mata o boi mais querido, e bonito do seu senhor. Percebendo que seu

querido boi havia morrido, o dono da fazenda chama pajés e curandeiros para ressuscitá-lo, quando o boi ressuscita a cidade inteira festeja.

A Festa se dissemina por várias regiões do Brasil, no Amazonas e no Pará ficou conhecido como boi bumbá, no Rio Grande do Norte, boi de calemba, Cavalo Marinho, na Paraíba; Bumba de reis ou Reis de boi, no Espírito Santo; Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro o Boi de mamão, em Santa Catarina e bozinho, e no Rio Grande do Sul e no Maranhão é tido ainda como bumba meu boi (PEREIRA, 2016).

O Boi-bumbá de Parintins tem a sua origem a partir da chegada dos nordestinos na Amazônia em busca de emprego. Ao chegar em uma ilha distante quase 400 km da capital do estado do Amazonas o Bumba-meu-boi levou consigo uma bagagem cultural de três séculos (SANTOS, 2018).

Segunda Silva *et al*, (2015) na região de Parintins no Amazonas em meados dos anos de 1965 é que se iniciou o Festival Folclórico de Parintins, criado os bois caprichoso e garantido. O Boi Bumbá caprichoso é um boi preto com uma estrela em sua testa e o boi garantido um boi branco com um coração na testa. A cidade de Parintins está localizada numa das ilhas do arquipélago Tupinambarana, na margem direita do rio Amazonas, a 325 quilômetros em linha reta de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

De acordo com Nogueira (2014) os bois-bumbás Garantido (cor vermelha) e Caprichoso (cor azul) encerram, nas três últimas noites de junho, o festival folclórico da cidade, cuja primeira edição foi realizada em 1965. O espetáculo, com duas horas e meia de duração por noite, para cada boi-bumbá, é realizado, desde 1988, no bumbódromo, um teatro de arena com capacidade oficial para 15 mil pessoas.

Nesses três dias, a cidade recebe ao menos 50 mil turistas ou *visitantes*, como a população local prefere chamá-los. Os turistas são atraídos ao festival parintinense desde a década de 1980, quando grupos de simpatizantes desse folguedo passaram a divulgá-lo em Manaus, por meio de reuniões de lazer animadas por toadas. Em 1988, com a inauguração do bumbódromo, o Estado assume, por meio de parceria com as agremiações folclóricas e prefeitura local, a organização e realização do evento (NOGUEIRA, 2014).

O Boi-Bumbá de Parintins entra, a partir dessa época, na agenda de eventos turísticos do Amazonas e aprimora as suas relações com o mercado, em versão espetacular, e diferencia-se da dança de terreiro ou da dança dramática animada por

tambores, palminhas (matracas), chocalhos e raspadores, folgança típica das parentelas.

Ainda não há uma pesquisa voltada para o estudo da memória do boi-bumbá, em Parintins, que alcance o período anterior à provável data de criação dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, supostamente em 1913. Até mesmo essa data é questionável porque ela foi estabelecida no clima da competição entre os dois bois pela premiação do título de “mais antigo e mais tradicional”. Por ocasião da fundação do festival, em 1965, havia três bois-bumbás. Garantido, Caprichoso e Campineiro.

De acordo com Nogueira (2014), o Garantido foi fundado por Lindolfo Monteverde e o Caprichoso por Roque Cid. Supõe-se que o Campineiro, da comunidade Aninga, surgiu em 1890, e disputou os festivais de 1978 e 1983, mas não foi adiante, os brincantes da cidade optaram pelo Garantido e Caprichoso. Antes da instituição do festival, os dois bois-bumbás já polarizavam a preferência dos apreciadores da brincadeira e protagonizam encontros de rua que começavam com os *desafios* cantados entre seus amos e às vezes terminavam em conflito físico entre brincantes.

Portanto, aos bois-bumbás foram reservados os três últimos dias do festival que, desde 2005, foi transferido para o último fim de semana de junho, para atender à conveniência dos turistas. Para prevenir conflitos entre brincantes de Garantido e Caprichoso, os organizadores do evento criaram dois portões de acesso às arquibancadas, também separadas, para os torcedores, situação que prevalece no bumbódromo. Iniciava-se, desse modo, o Festival Folclórico de Parintins que, no ano de 2012, realizou a sua 47.<sup>a</sup> edição. A rivalidade das ruas, agora transfigurada na competição pela melhor apresentação no bumbódromo. A partir de então, a brincadeira aprimorou os seus espetáculos e chegou ao final da década de 1990 com destaque entre as manifestações culturais de massa da Amazônia (NOGUEIRA, 2014).

A rivalidade entre as torcidas dos dois bois-bumbás sugere a Parintins a imagem de uma “cidade partida ao meio”, como a ela se referem as diversas etnografias acadêmicas. Uma linha imaginária Norte-Sul, seguindo pontos de referências socioculturais, como o Mercado Municipal, a antiga prefeitura, a “Rua do Comércio” (rua João Melo) e o bumbódromo, estabelece os “domínios” dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso a Leste e a Oeste respectivamente. Essa planta tão

bem dividida é a consagração da Cidade do Folclore da Amazônia, que nomeou um eixo de distinção de poder entre as suas instituições econômicas, políticas, religiosas e culturais dominantes (NOGUEIRA, 2014).

No centro da cidade de Parintins no Amazonas está a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, que atribui para si o amansamento dos bois-bumbás, cujos brincantes, antes do festival, envolviam-se em brigas de rua. O bumbódromo divide-se em partes iguais aos dois bois-bumbás. Os únicos lugares neutros são os dos jurados, das autoridades e das celebridades convidadas. Até os turistas precisam escolher se assistem ao espetáculo no lado azul ou no lado vermelho. São recorrentes as cenas de hostilidade aos “desavisados” que tentam transgredir essa regra. O “invasor” só é admitido se vestir a roupa da cor do boi-bumbá da respectiva galera. Caso se recuse, é considerado “contrário” e passa a ser hostilizado em coro: “sai! sai! sai!”. Não é raro as galeras atirarem bolinhas de papel, vasilhames de bebidas e outros objetos contra o “intruso”.

#### **1.4 Festival de Parintins**

O festival folclórico de Parintins é realizado no final do mês de junho, considerada a segunda maior festa do Brasil que é apenas superada pelo Carnaval. O festival acontece durante três dias, a festa mostra a competição entre dois Boi-Bumbá Caprichoso e Garantido, representados pela cor azul e vermelha respectivamente.

O Garantido e o Caprichoso, se revezam em apresentações de caráter competitivo, no espaço conhecido como Bumbódromo. O local, assim chamado em alusão ao Sambódromo do Rio de Janeiro (RJ), se pinta nas cores do Boi e milhares de pessoas se dividem entre as duas arquibancadas - uma vermelha, do Garantido; e outra azul, do Caprichoso – enquanto um corpo de jurados avalia a performance dos grupos e decide pelo grande campeão (IPHAN, 2018).

**Figura 1** - Bumbódromo visto de cima.



Fonte: <https://parintins.am.gov.br>. Acessado em 12/05/2022.

Graças ao festival folclórico apresentados pelos bumbás Garantido e Caprichoso, a cidade de Parintins ganhou notoriedade cultural brasileira e internacional criando uma identidade cultural, com um espetáculo no meio da Amazônia (NAKANOME; DA SILVA, 2019).

#### **1.4.1 Boi Bumbá Garantido**

O Boi Garantido foi criado em 1913 por Lindolfo Monteverde, conta-se que ainda criança, Lindolfo era fascinado pelas histórias que sua avó, vindo do Maranhão, lhe contava sobre o bumba-meu-boi, e conforme seus descendentes a que mais lhe encantava era o conto sobre um boi alegre, animado e brincalhão. Posteriormente quando Lindolfo se tornou adulto começou a criar uma armação e cobrindo de pano sai na rua para brincar de Boi Bumbá cerca de um século atrás (REIS, 2017). A figura 3 mostra uma cena do Garantido.

**Figura 2** - Apresentação do Boi Garantido em Parintins



Fonte: <https://garantido.com.br/>Acessado em 13/05/2022.

Quando Lindolfo servia ao exército, ele adoeceu e para recuperar a sua saúde fez uma promessa a São João Batista, que se recobrar sua saúde jamais deixaria de participar do boi-bumbá, Lindolfo então cria um boi com cores brancas no corpo do boi e tom vermelho no coração localizado em sua testa. O nome boi bumbá Garantido se dá através de relatos de populares das pessoas mais idosas da região, vindo da expressão: “Este ano, se cuide, que eu vou caprichar no meu “Boi”. Mestre Lindolfo, então teria dito em oposição: “Pois capriche no seu, que eu “garanto” o meu!” (CAMPELLO; SANTANA, 2019).

Desde a sua criação, o Garantido se apresenta com um coração na testa, e suas cores, vermelho e branco, foram adotadas pelos torcedores. A cor do coração na testa do boi costumava ser preta até meados dos anos 80, quando Dona Maria Ângela Faria, até hoje conhecida como madrinha do Garantido, deu a ideia deste ser pintado de vermelho. Ideia que foi prontamente executada pelo artista Jair Mendes.

Em sua trajetória, lhe foram atribuídos vários adjetivos carinhosos, como: "Brinquedo de São João", "Boi da Promessa", "Boi da Baixa do São José", "Eterno Campeão", "Oitava Maravilha", "Boi do Povão", entre outros. O mais popular é "Boi do Povão", alcunha sempre citada na arena, especificamente por seus torcedores.

Segundo Campello; Santana (2019) a brincadeira foi evoluindo e, em 1965, aconteceu o primeiro Festival Folclórico de Parintins, mas não houve



participação dos Bumbás. A primeira disputa veio no segundo Festival, quando o Boi Garantido enfrentou o Contrário, vencendo, sagrando-se o primeiro campeão do Festival Folclórico de Parintins. Em 1988, ano de inauguração do Bumbódromo, o Garantido, impulsionado pela força de sua “galera” e memoráveis toadas, vence o primeiro Festival realizado na atual arena.

O Boi Garantido está situado na antiga estrada Terra Santa, hoje Av. Lindolfo Monteverde, na tradicional Baixa do São José. Atualmente, um complexo arquitetônico da antiga Fabriljuta, localizado no km 1 da Rodovia Odovaldo Novo, adquirido pela agremiação, abriga toda a estrutura de galpões, curral, diretoria e demais coordenadorias que fazem parte da administração do Bumbá conhecido como Cidade Garantido (CAMPELLO; SANTANA, 2019).

#### 1.4.2 Boi Bumbá Caprichoso

O boi caprichoso foi criado pelos irmãos Cid em 1913, segundo a lenda local ambos teriam feito uma promessa ao mesmo tempo a São João Batista, com intuito de melhorarem sua condição vida, em troca os irmãos ofereceram um boi feito de pano a São João Batista (SOUZA; CID; QUINTELA, 2017).

**Figura 3** - Apresentação do Boi Caprichoso em Parintins



Fonte: <http://boicaprichoso.com/>Acessado em 13/05/2022.

O boi caprichoso recebeu esse nome, segundo relatos dos moradores idosos de Parintins, em razão de que seria um boi extravagante e primoroso, o sufixo “oso” significa cheio de mais, a palavra “capricho” refere-se a ser um boi cheio de capricho (CAMPELLO; SANTANA, 2019).

O boi Caprichoso é o auto popular, espetacular e criativo, a reinvenção o mito, a lenda do boi encantado que morre e ressuscita redescobrimdo a cultura amazônica. Ele percorre a floresta e seus recantos, incorpora o universo lendário mítico e regional, além de valorizar rituais, celebrações tribais, costumes e a tradição popular. Ao seu repertório se unem a defesa da floresta, a força do povo simples e solidário, a essência da vida na Amazônia sustentável.

A vida soa com a Marujada resumindo o amor que pulsa no coração do povo de alma azulada. Em junho o Boi Bumbá Caprichoso se revela em versos, poesias, cantorias. O boi de brinquedo seduz multidões e emoldura com um farto sorriso o rosto de cada caboclo que veste azul e branco, as cores que embalam a festa popular do Boi Caprichoso.

Ele mexe a cabeça, dança, brinca, é amado, desperta paixões, traduz a mais pura e simples emoção que nasce no peito, invade toda a alma, traz uma alegria infinita que não passa e faz sentir um fogo intenso que se espalha sobre o coração. O boi Caprichoso enfeitiça, arrebatada. Recria nosso amor, nossa vida, nossa história, contagiando o mundo com o ritmo dos tambores, com a dança, com a magia, com a tradição e a poesia. Sedução, fascínio, encantamento. Uma tempestade de ideias, um celeiro de criatividade, explosão de sentimentos, adrenalina que dispara ao toque do tambor, estremecendo o peito, a terra, a vida. Pura magia, pura energia, alegria, cantos, melodia. É caprichoso, para sentir, traduzir, emocionar, brincar e se apaixonar.

Pelas mãos de famílias nordestinas que aqui fincaram raízes e, até hoje brincam e participam do legado de seus ancestrais. A brincadeira do Boi Bumbá Caprichoso nasceu nos quintais das casas de madeira, sob as sombras de frondosas mangueiras, castanholeiras, logo ganhou as ruas da cidade, incorporou as tradições locais, se misturou, se miscigenou, se renovou. Cercado pelos mistérios e pelos povos da floresta, não demorou para que um pajé fosse o responsável pela ressurreição do boi mais querido da fazenda (CAMPELLO; SANTANA, 2019).

Os versos de saudação e enaltecimento, que soavam fortes nas vozes dos Cid e dos Gonzaga, com o surgimento do contrário, logo se transformaram em desafios

fortes. Estava aceso o estopim da rivalidade entre azuis os do lado de lá! As pessoas passaram como sempre passam, mas o nosso bozinho não, ele apenas era recebido por seu novo dono, uma nova família que, tradicionalmente, se tornava a guardiã do boi, responsáveis por organizar as saídas do boi nas ruas de Parintins. Eram marceneiros, pescadores, caçadores, caboclos, residentes do bairro ribeirinho chamado Francesa, de outro chamado Palmares, do Aninga, do Centro, de todos os cantos de Parintins, por isso é Boi de Parintins, de toda Parintins! Em 1965, o primeiro festival folclórico da cidade (CAMPELLO; SANTANA, 2019).

Criado pela Juventude Atlético Católica, para ajudar na reforma da catedral. Em 1966 os bois foram convidados, e ano após anos, participaram da festa, ajudaram a erguer o mais belo templo da cidade, por isso é um símbolo tão forte, tão presente nas apresentações (CAMPELLO; SANTANA, 2019).

Pode-se afirmar então, que é um festival nascido pela fé do caboclo, aonde se faz presente, um boi nascido e sustentado pela crença, pela força e pela criatividade dos caboclos caprichosos.

Há vida nesse brinquedo de pano, há vida sim, pois há amor e paixão. É uma paixão que ultrapassou os limites do tempo, da saudade dos tablados à pujança da arena, o Boi Caprichoso é vivo e eterno em vários sentimentos, uma paixão centenária.

## **1.5 Coreografia**

A coreografia atualmente é entendida como uma organização de corpos tanto vivos ou inanimados com experiências e pensamentos quebrando o paradigma de que a coreografia é uma sequência fixa de movimentos passíveis de repetição (DE MORAES, 2019).

Através da história a dança vem se mostrando como uma possibilidade de expressão pelo corpo, o sensível, o estético. Que no pensamento educacional ocidental foi por muito tempo negligenciado, pois esse pensamento priorizou racional ao invés do sensível. O sensível não era considerado uma forma de conhecimento confiável (GREINER, 2017).

O corpo como agente promotor de beleza e evasão não consegue escamotear os limites da sua funcionalidade

fisiológica e biomecânica e entra, por vezes, em situação de estresse sistêmico não controlado. O corpo de um bailarino/a é a síntese de todas as capacidades motoras cobertas com a capa da máxima expressão estética. Força, Velocidade, Resistência, Flexibilidade e Coordenação estão condicionadas a uma pauta organizativa que os coreógrafos desenham e os bailarinos transformam em arte (SANTOS; AMORIM; MARQUES, 2015, p. 67).

O homem consegue compreender o corpo através da dança, de ritmos pulsantes e constantes que vem do dia a dia. Ao mover corpo de forma intuitiva o ser humano se liga aos ritmos e aos ritos oriundo de vários tipos de danças e elas o fazem se ligar com o sensível, com as emoções e o ajudam manter diversas tradições, como por exemplo o carnaval, festival folclórico de Parintins entre outras (BERTÉ, 2018).

O exercício intelectual realizado na tribo coreografada, com a colaboração dos pensadores e pesquisadores, dos artistas e brincantes dos bois-bumbás, com a interlocução de professores e colegas da academia.

Os citados e não citados, conduziu-nos a busca do entendimento de que a tribo coreografada do Caprichoso rompeu com a compressão que lhe impunham as forças da chamada tradição, dirigidas por ideologias e tecnologias de controle social; essas forças são as mesmas que qualificam as culturas das populações não letradas e ingênuas. São as mesmas forças que, tratam o imaginário como manifestação da loucura patológica, ou delirante, elas são as mesmas que relegam a criatividade e o talento do coreógrafo popular. Elas estão por todo lugar e são movidas pela ingenuidade utilitária ou pela má-fé. Tais forças não admitem a possibilidade de circulação das culturas, entre elas as chamadas culturas populares, sem antes se desmanchem no ar. Todos os movimentos imaginários de dança apresentados durante os espetáculos musicais, onde os espetáculos de arena precisam ser construídos a partir das toadas.

Assim sendo, nascem as coreografias que embalam os momentos da apresentação, em estilos diferentes e específicos para caracterizar os cordões e a representação do bailado dos itens individuais. Traços das danças dos diversos folguedos pelos quais o Boi-Bumbá enveredou são determinantes para dar personalidade aos cordões que evoluem durante o espetáculo.

Essas coreografias reproduzem, ainda que de forma livre ou poética, as etnias que compõem essa vertente de Boi na Amazônia. É através dela que identificamos a

visão do branco sobre o negro e sobre o índio, além da visão de negros e índios sobre si mesmos e sobre o branco, ciclo essencial para uma evolução folclórica.

## **CAPÍTULO 2 – CAMINHOS PERCORRIDOS**

### **2.1 Resultados**

A pretensão deste estudo foi mostrar um pouco da história do Festival de Parintins, e sobre o coreógrafo Erick Beltrão saber sobre sua dança ele é o Coreógrafo do Boi Bumba Caprichoso, é uma saga que se inicia em uma tarde alegre, estava neste tempo com dez anos de idade, ali iniciaria sua carreira na dança. No decorrer do tempo e sua trajetória como dançarino se deu o início em um grupo artístico com o nome de Guerreiros Azuis. Com o passar dos anos, o então menino Erick Beltrão, já adolescente agora, entra para a escolinha do Caprichoso por voltado ano de 1999, teve oportunidade de conhecer professores coimo: Iris, Jair Almeida e Falcão, estes passam a ser seus instrutores, neste período se dedicou completamente ao aprendizado sobre as danças este foi um tempo que tomou o maior tempo de sua juventude.

Passa então a dança e a Escola, a fazer parte de sua rotina diária Erick Beltrão não se via mais sem a Escola de Dança, nem mesmo sem o Boi Bumba Caprichoso, não saberia viver mais sem a dança, onde aprendia cada dia mais. Ao que se percebe, o já então coreógrafo dançarino, continua seu aprendizado, sobre a cultura rica e cheia de surpresas sobre dança da cultura popular, dos movimentos imaginários de dança, apresentado durante os espetáculos musicais na arena no Festival de Parintins que, precisa ser construído a partir das toadas e suas milhares de contos e histórias dos povos que ali habitam, seus movimentos, danças, cenas, tempos de cenas, e todos os aspectos de dança, tudo isso ainda hoje fazem parte da vida do coreógrafo Erick Beltrão que será sucintamente descritos a seguir.

#### **2.1.1 Erick Beltrão, história e trajetória do Coreógrafo da tribo do Boi Caprichoso**

Em 2003 Erick assinou como Coreógrafo do Boi Caprichoso, somente para fazer um trabalho de composição, onde ali daria ele o ponta pé inicial na sua carreira como coreógrafo, era um tempo em que as tribos de composição só entravam e rodavam durante o espetáculo. Erick sempre muito atento e visionário via que, podia

fazer algo a mais, naquele momento seria a sua estreia e oportunidade de mostrar seu trabalho, poderia fazer um trabalho grandioso para o Boi Caprichoso.

Então foi aí que, começaram a acreditar no seu trabalho, que somaria a inteligência, criatividade e visão diferenciada, começa a oportunidade que, ele queria, a chance de mostrar seu trabalho. Foi quando começou a fazer coreografias de palco, coreografias que seriam passadas aos dançarinos.

**Figura 4** - Apresentação do pajé e coreografo com as tribos coreografadas



Fonte: <https://boicaprichoso.com/cenico-coreografico/>Acessado em 11/05/2022.

Assim foi e todos os anos aprendem novas coreografias para dançar em shows e nas apresentações do boi dentro do curral que, o público participe, também aprende as novas coreografias, que com alguns dias de treino aprende e ajuda no dia de festival onde todo o público que torce pelo seu boi caprichoso ajuda a levar a beleza da coreografia repassada.

Desta forma Erick assina seu nome nestas coreografias montadas e regidas por ele, ainda hoje ele realiza esse trabalho na montagem coreográfica das músicas do Boi Bumba Caprichoso é escolhido o tema e ele se coloca a disposição do boi já com o tema escolhido em cada ano e faz a coreografia e monta cada cena.

Erick Beltrão criou também o Grupo Troup Caprichoso onde participou dançando no grupo em 2005 e 2006, Erick criou a partir daí a Troup Jovem onde ele viu que poderia ensinar jovens que, viriam da periferia da cidade e que, futuramente podem se tornar dançarinos, ou bailarinos profissionais, com este intuito tirar esses jovens das ruas, da criminalidade, da discriminação, foi aí que tomou gosto pela parte de criação coreográfica.

Erick Beltrão mudou para o Amazonas as tribos coreografadas dando uma nova roupagem, inserindo suas particularidades, e identidade, pois antigamente as tribos coreografadas eram dançadas com costeiras enormes que, não dava para aparecer os movimentos, então tirou essas costeiras enormes, fazendo coisas mais dinâmicas e leves, graciosa a quem observa, foi aí que o coreógrafo teve a ideia de trazer as tribos coreografadas mais cromáticas para o caprichoso.

Erick já com o grupo formado, e mais compacto reúne os melhores para arena do bumbódromo, quando houve a necessidade de criar um grupo que, seria a linha de frente em questão de coreografias, apresentações, shows para turistas que participariam das suas montagens coreográficas dentro e fora do boi, o grupo surgiu em 2008, e ganhou o nome de Corpo de Dança Caprichoso (CDC) onde existe até hoje.

O reconhecimento profissional de Erick Beltrão se deu por trabalhos feitos no festival de Parintins, e no carnaval do Rio de Janeiro durante os anos, Erick também recebeu o convite que lhe abririam portas ainda maiores, o convite para trabalhar na abertura das olimpíadas do Rio de Janeiro, com a renomada diretora e coreógrafa Deborah Colker.

Erick Beltrão passou a assessorar as coreografias juntamente com Deborah Colker que estava fascinada com os indígenas, e com os dançarinos que ao que se percebe já nascem dançando isso é natural do Amazonas, com a rica cultura que ia ser mostrada para o Brasil e o mundo, onde ficou reconhecido no Rio de Janeiro e foi chamado para fazer as alas coreografadas da escola de samba Beija Flor de Nilópolis no Rio de Janeiro, cujo tema Indígena falava sobre Iracema.

O Boi Bumba Caprichoso hoje para Erick é sua vida, também parte de seu crescimento de sua trajetória como diretor e coreógrafo. Atualmente Erick Beltrão faz parte do quadro de itens do boi, onde foi anunciado para defender na arena, o item de pajé do Boi Caprichoso além de ser coreógrafo e diretor dentro do boi, não se vê pajé



em outro lugar, a não ser no Caprichoso, e com toda essa trajetória ele se tornou um grande mestre na arena do bumbódromo como coreógrafo do Boi Caprichoso.

## 2.2 Trajetória na Tribo Coreografada do Boi Bumba Caprichoso

A trajetória feita na tribo coreografada do boi Caprichoso dá início desde 2014, quando começo a dançar no grupo Troup Caprichoso, na época foi possível e por seleções para entrar no grupo, e assim foi possível permanecer no Troup durante dois anos, os momentos que se teve na arena.

No ano de 2015 o personagem usado foi a figura de um macaco, como parte da encenação onde, graças às habilidades do coreógrafo, e criatividade com o tema, foi direcionado a ele, consegue-se transformar-me como dançarino como espetáculo, nesse ano de 2015 ocorreu a segunda noite do festival, com a umidade da Amazônia o chão estava muito molhado, teve-se alguns bailarinos que não conseguiram no momento da apresentação fazer a transformação de índio para a figura típica do macaco, por conta do chão escorregadio.

**Figura 5** - Apresentação Charles Bronson



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Foi um grande desafio para representar este personagem, além dos elementos cênicos que não funcionaram durante a coreografia. Com isso o ano de 2015 a tribo coreografada não se consagrou como campeã.

Ao longo dos próximos anos, teve-se a oportunidade de conhecer o grupo Corpo de Dança Caprichoso (CDC) de Parintins, é o maior grupo oficial do Boi Caprichoso. No ano de 2016 foi possível ingressar no maior grupo do Parintins no Boi Caprichoso com outras equipes, onde tive a oportunidade de ver pela primeira vez a apresentação do grupo de Dança Caprichoso na arena do Bumbódromo. A partir desse momento foi de dedicação total para entrar no CDC. Assim começa participação da tribo coreografada em 2016 e 2017. Estas coreografias que são maravilhosas com performances da tribo do CDC na arena ricas em detalhes. Desde o início houve dedicação ao CDC, com a certeza de que era algo que queria fazer de forma profissional onde aprendeu-se e se pode aperfeiçoar na cultura local, as coreografias consolidaram-se ainda mais, com a chegada da maturidade no mundo da arte.

Em 2016 a Comissão de Artes selecionou uma toada chamada Amarum Chacaruna para o CDC, mas para o coreógrafo a coreografia não era só bater o pé. A coreografia exigia muito mais do coreógrafo e dos integrantes, pois se tratava de uma coreografia que iria ajudar o boi bumbá Caprichoso obter a nota máxima e a sua evolução tinha que ser impecável. O coreógrafo com toda a sua vivência em dança e na cultura indígena usou elementos cênicos vindo da nossa natureza e movimentos apropriados da nossa cultura. Exige uma preparação de dois meses de ensaio para uma única noite e uma única oportunidade de mostrar o resultado artístico aos jurados e aos telespectadores que assistem o festival.

Nesse processo, percebi a importância do ponto de vista do coreógrafo, de sua conexão com a letra das toadas, da pesquisa, da criação, e do ritmo de cada coreografia, o figurino, e todos os outros elementos cênicos que juntos culminam numa expressiva capacidade de criar coisas extraordinárias extraídas da nossa cultura do povo.

Em 2017 foi o meu último ano como bailarino da tribo coreografada do Caprichoso, mas eu tive que relevar pois esse seria o ano que me despedia do grupo como tribo coreografada, pela divisão das toadas o coreógrafo ficou com a toada pajelança portanto tivemos o grande privilégio de levar para arena vários efeitos de led já que seria uma inovação para o boi e para o público, poderia dar certo, ou não

sendo que era a primeira vez que as tribos coreografadas irãõ usufruir das tecnologias, tudo isso era muito novo para o festival e sabíamos que saia um pouco do quesito Tribo e que se queria mostrar era a magia, os encantos da tecnologia, com o desenvolvimento do trabalho, realizado em conjunto dos coreógrafos, ao mesmo tempo e separadamente com os integrantes estabelecia-se uma relação de cooperação entre eles.

Assim foi feito, fomos em busca e trazer inovação e novos conteúdos com propostas conjuntas para a arena do bumbódromo. Para o Caprichoso seria um trabalho árduo levaria o boi da arena preparado, mesmo que houvesse imprevistos com os mecanismos usados na montagem coreográfica, e na cenografia da apresentação.

Com toda tecnologia vinda da China e preparada para as apresentações que só engrandeceram a apresentação do Boi Bumbá Caprichoso, a tribo coreografada se consagrou como campeã, assim também o boi Caprichoso se tornou campeão com as três Noites de festival no ano de 2017.

**Figura 6** - Trajetória atuando como bailarino do Caprichoso "Troup Caprichoso"



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Essa foi uma trajetória onde o privilégio de atuar como bailarino da tribo coreografada do Caprichoso, no grupo, Troup Caprichoso, no Corpo de Dança Caprichoso (CDC), eu aprendi que dessa forma, alguns desses mecanismos sinalizados, determinado que os acontecimentos na arena durante a coreografia são percebidos pela fundamentação, com a consolidação do trabalho coreográfico, com a execução por meio do movimento do integrante.

Infere-se que, foi uma grande experiência como parte do grupo da tribo coreografada do Boi Caprichoso, é grande a emoção em trabalhar para fortalecer e construir a dança, com o coração e emoção. O que se pode dizer é que, gratidão pelo aprendizado com cada coreógrafo estarem realizando sonhos, poder fazer parte deste espetáculo grandioso.

Ao que se percebe este é hoje um dos maiores festivais a céu aberto do mundo, quando se adentra na arena do bumbódromo, a energia é grande e pode-se sentir o corpo e alma arrepiando, um calafrio se apossa do brincante e a emoção contagia ao sentir e ouvir os gritos de alegria do povo participe, de como este espetáculo é grandioso, pode-se sentir a alegria dentro, e fora da arena. É na verdade, um manto de grandeza que, se apossa dos brincantes, uma elevação espiritual, o ritmo cardíaco acelera, o suor na testa, é a hora de atuar colocar em prática o que se treinou o ano inteiro, suor e de lágrimas ao final e o espetáculo finda em meio a aplausos e cantoria um manto de alívio se apossa dos dançarinos, e a missão enfim foi cumprida em mais um ano de festival.

Agora treinar tudo novamente para que no próximo ano seja ainda mais bonito, este é o empenho de quem dança, chegar na arena no dia do Festival de Parintins e fazer e dar o seu melhor.

### **2.3 Toadas do Caprichoso e sua importância no processo de criação**

A formação de parceria para compor as toadas também é um fator importante que alguns dos que participam do festival tem procurado melhorar. Alguns estabelecem uma produção conjunta com quem têm afinidades, outros inserem como autor o nome de quem contribuiu com um determinado valor aquisitivo para pagar o estúdio, ou patrocinar a gravação das chamadas “demo”, nome dado à primeira produção da toada especificamente para o processo de seleção.

A construção da toada, geralmente, não é linear, ou seja, não segue uma estrutura de sequência como pesquisa, letra e arranjo. Tudo pode ser alterado, dependendo do plano do compositor. A segunda versão é moldada dentro da produção musical do “boi” para a gravação do CD, ou do DVD, para a execução na arena do Bumbódromo, visa atender a uma demanda musical mais abrangente, ou seja, conquistar o maior número de público consumidor de música do tipo boi-bumbá que, por outro lado, é torcedor e crítico, ao mesmo tempo, do outro é consumidor deste tipo de música.

As mudanças ocorridas durante o trajeto destas brincadeiras para o espetáculo afetaram sutilmente as toadas do boi, embora não de imediato, nem totalmente, os fundamentos de origem do boi-bumbá. No caso das toadas, prevaleceram, ao menos até a metade da década de 1980, as composições ao estilo das da primeira geração de poetas, com seus poemas em versos curtos, acompanhadas por tambores e outros instrumentos artesanais.

O imaginário poético se referia, em grande medida, às lembranças do mar, das raízes populares nordestinas, às qualidades do boi amado, ao cortejo da morena bela ou em desafiar o contrário. Inscrevo, para ilustrar esse argumento, as toadas que, entre as dezenas que ouvi, cantam a fundação dos dois bois-bumbás. Até mesmo a segunda geração de poetas fez poucas mudanças na forma de compor.

As toadas de J. Carlos Portilho e Paulo Paulain, do Caprichoso, não se distanciaram dos temas nem da melodia da cantiga de boi bumbá. A toada “Ninguém gosta mais desse boi do que eu”, de Paulo Paulain, um dos hinos de amor ao Caprichoso, foi lançada em 1988. Sua força poética e musical investe contra o controle da brincadeira pela burocracia e invasão de pessoas estranhas aos círculos de brincantes dos currais. Paulain revelou que fez a toada porque foi barrado por funcionários do boi numa fila de entrega de camisas a brincantes. O poeta transformou o constrangimento em lamento poético, ainda ao estilo da antiga cantiga de boi.

No início dos anos 1990, a temática indígena do Boi Bumbá, foi introduzida com sucesso em Parintins, ganhou maior desenvolvimento a partir deste período e se tornou o destaque da festa, com o surgimento dos rituais indígenas. O tema, devido ao sucesso de canções indígenas como Fibras de Arumã, Unankiê e Kananciuê, tem recebido grande atenção da crítica e do público.

Portanto, e com o sucesso desse tipo de música, os brincantes da capital Manaus que timidamente gostava do ritmo, passa a consumir e abraçar a música como um símbolo da cultura Amazônica.

No ano seguinte deu início a outro estilo de criação musical, um tipo de letra e música de Parintins a Toada Comercial que garante bons lucros aos artistas locais. Em 1994 e 1995, foi usado o teclado pela primeira vez na arena, de forma tímida por meio da banda Canto da Mata, compuseram diversas músicas para serem usadas no Festival de Parintins e que tocou muito em toda região norte do Brasil.

A Banda Canto da Mata fez grande sucesso nas rádios, e ajudou o Boi Caprichoso a ganhar o festival em 1994. Já no ano de 1997, eles criaram uma canção popular no Amazonas, chamada de Ritmo Quente, obteve grande sucesso em ensaios do boi, e também em eventos turísticos na capital Manaus como Boi Manaus e Carnaboi.

Com toadas e som diferenciados o Boi Caprichoso marca seu reingresso nos temas amazônicos, em favor do povo que neste momento passa por grandes privações em razão da ira do Sol, com grande seca na região, com perda da vegetação e os caboclos perdendo suas plantações e alimentos. Segundo a lenda isso deve ter se dado a desrespeito do homem, provocada pela destruição da camada de ozônio por monóxido de carbono emitido em grande escala por grande empresas no mundo e também por queima de petróleo, e parte da floresta amazônica usadas para novos plantios.

**Tabela 1** - Rituais e lendas do boi Caprichoso do ano de 2014 e 2017

| RITUAIS/LENDAS BOI CAPRICHOSO<br>2014 | RITUAIS/LENDAS BOI CAPRICHOSO<br>2017 |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| Sehaypóri                             | Pajelança                             |
| Táwapayêra                            | Viagem Xamânica                       |
| Tocaia                                | Presságio                             |
| Maracás do Rio Negro                  | Tesouros da Cabanagem                 |
| Wayana-Apalai                         | O Cativo                              |
| Myrakãwéra                            | Tribo dos Kupe-Dyep                   |
| Ritual Urotopiãg Maraguá              | Templos de Ouro                       |
| Ritual Ianomâmi                       | -                                     |

Fonte: Dados do autor (2022).

A ciência moderna rebatizou esses diversos episódios que movimentam outros elementos míticos, como deuses e demônios que povoam a floresta amazônica como

Rituais e Lendas, na verdade são fenômenos naturais que ocorrem no Planeta Terra ao longo de suas eras ou de seu nascimento. Cabe a sociedade preservar seu espaço físico, e não o destruir.

## **2.4 Imaginário e suas influências nos processos de criação em cena**

O artista é movido por sensações, sua obra segue esse mesmo caminho, envolto por sensações, subjetividades que envolvem toda a criação. A percepção e a criação de imagens vivenciadas por ele, permite a criação de obras futuras, ou a transformação de obras que, ainda estão em andamento. O artista está vivo, sujeito a todo tipo de emoção.

Não nos surpreende, portanto que, a pesquisa venha imbuída de todas essas emoções que envolvem o artista, criador/pesquisador, geralmente tem um fio condutor, algum propósito motivador. Com isso, o artista se encontra diante das suas próprias limitações ou expansões, o que pode se tornar uma fonte de criação rica, tanto para a obra, quanto para a pesquisa, se depara com desafios.

Para França, toda criação pressupõe ativação, realização de um processo complexo que, compreende o trânsito entre, o imaginar, e sua operacionalização, em forma, ou por meio de formas (MATE, 2009, p. 12).

Todo processo de criação envolve o imaginário criativo, seja ele vindo da história de um personagem, de histórias pessoais, de estímulos visuais e sonoros, mas sempre existe a imaginação que move o processo de criação. Então a conscientização do imaginário dentro do processo de criação também existe? Nem sempre. O que acontece às vezes é que o bailarino está tão impregnado de informações que não sabe dissociar o que faz parte do seu imaginário, o que é exigência do coreógrafo e o que é simples indicação de rubrica. Por exemplo, se uma rubrica indica ao bailarino para que ele chora compulsivamente em uma cena, o mesmo pode simplesmente executar a ação ou pode ativar seu imaginário criativo para que o choro venha de uma recordação, de uma imagem, de uma sensação (FRANÇA, 2009, p. 2)

A premissa na qual se baseia este processo é que, a tribo coreografada não criou apenas um modelo de espetáculo, com regras, formas artísticas, com ritmos e atores específicos da região, mas também, criou uma identidade que, seria apresentada no festival para o Brasil e ao mundo.

Os coreógrafos, desenvolve grandes habilidades que, fariam com que suas gestualidades fosse passada, inseridas no contexto do espetáculo, e com

competência daquelas tribos coreografadas, estas se tornam parte importante da apresentação, onde seria mostrada a força das tribos, e a maneira de como essa execução é exposta e exporta o sentimento do criador artista, pois se trata de uma forma que, caracteriza uma parte do enredo do espetáculo, e que, se torna a parte mais importante, onde são trazidas pelo coreógrafo, as inovações, tornando a apresentação inédita, e extremamente criativa, onde são exibidas em outros espetáculos, em vários locais do país no mundo.

O Processo de criação, do ponto de vista sociológico, se apresenta como um fenômeno da cultura popular contemporânea, enquanto, pode-se depreender todo o processo de criação artística, e de organização do festival, com a tribo coreografada que, são pensadas dentro do contexto, e do tema, e dentro da parte cênica do espetáculo que, é executado dentro da arena no dia do festival.

Os símbolos, seus significados que, ocorre dentro do processo das tribos coreografadas, dentro da cultura popular, está tem a força das expressões regionais, dos elementos que, são trazidos de diversas regiões vem para abrilhantar a cênica, e o Festival de Parintins também se propõe a elaborar signos, e dentro deles, traz os valores da terra, de nossas riquezas como patrimônios do mundo e da Amazônia idealizada como um todo.

Na área do ensino da dança, cabe ao coreógrafo o trabalho de fazer o reconhecimento de um corpo que, socialmente será construído e levado para Arena do Bumbódromo no dia do festival, ele conta uma historia, tem vida, é onde a elaboração da proposta traz os desafios de se trabalhar o imaginário, de repassar de forma educacional o que considere o processo e o produto, pois se trata de uma adaptação que, vai ser feita de acordo com o que o coreógrafo imaginou para o contexto coreográfico, ele não desconsidera a técnica indígena, mas que, ao mesmo tempo, não abandona as suas raízes, as riquezas das lendas, dos seres míticos da florestas, nem os seres imaginários que, são parte do processo criativo do artista.

Enfim, trabalha com a expressão pessoal de cada integrante, bem como dos aspectos corporais, pois cada coreografia corresponde ao trabalho que, é proposto pelo coreógrafo, após longos dias de estudos e de preparação ele vai ensaiar o tema proposto, o que será contado naquele ano, faz um trabalho de imersão dentro do imaginário caboclo e dele próprio e vai tirando o melhor para apresentar ao seu



público. O coreógrafo, ele busca que o ensino da dança, trabalhe os significados, trace relações diretas entre dança indígenas, educação e sociedade e imaginário.

O imaginário, aqui, é tomado como motor desse movimento que se desenvolve no mundo das objetividades, subjetividades individuais e coletivas.

As culturas imaginárias, as tecnologias e o espetáculo se articulam, interagem entre si, e se confrontam em favor da possível compreensão dos sujeitos que, com suas energias, conhecimentos e afetos, empenham-se na elaboração de uma brincadeira de boi, que, rompe as tranças do seu curral, vai realizar uma experiência, ainda que conflituosa, com o mundo espetacular do mercado, ou seja, o que o povo quer ver e consumir.

O imaginário regional, entrelaçado ao imaginário planetário, é a matéria-prima do artista do boi. As narrativas do lugar, e do lugar no mundo, constituem-se em objetos mensurados, em escala temporal-espacial, e desse modo podemos compreendê-las, como elementos articuladores de uma determinada cultura, independentemente de origens e/ou datações.

Este imaginário conecta a culturas e as culturas conectam com o imaginário, assim em sobreposições aleatórias de camadas tão tênues que, elas se tornam interdependentes.

O conceito de imaginário tem força explicativa sinérgica, principalmente quando ele tece as sobreposições particulares, no âmbito do lugar em oposição, ao não lugar ou, ao lugar-mundo, onde elas se dispersam e, pela química do fetiche, amalgamam-se o espetáculo.

O lugar mundo ou, o lugar do mercado, tanto se alimenta dele mesmo quanto do lugar e, dependendo da sua conveniência, transforma os macromundos e micromundos em expressão concentrada, como se fosse uma única coisa. As festas amazônicas, incorporadas pelo mercado, das quais o Boi-Bumbá de Parintins é o melhor exemplo, orientam-se pela junção das multirrelações e multissignificações sociais contidas nas culturas assumidas pelo local. Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 27).

Essa transformação se viabiliza pela liberdade de criar, fingir e improvisar, para estabelecer correlações entre os objetos e situações de maneira improvável e sintetizar ou fundir representações da realidade. A realidade amazônica é plasmada pelo rio, pela floresta, pelos encantamentos, pela vivência humana e pelas

contradições do habitar-se, mutuamente, nela. Não seria esse o mais improvável dos lugares da livre criação, do livre imaginar, do livre sonhar.

Diz Bachelard (2002, p. 25) “a vida caminha melhor se lhe dermos suas justas férias de irrealidade”. O imaginário amazônico corrente, em vez de autóctone, teria sido transladado de outros mundos para cá. O maior exemplo dessa abordagem seria o mito das amazonas, do qual se originou o nome do Rio Amazonas, e da região amazônica.

O mito grego, inspirou a frei Gaspar de Carvajal a reportar uma suposta luta entre os homens da expedição de Francisco Orellana, e das mulheres guerreiras, provavelmente na foz do Rio Nhamundá, no médio Amazonas. Sobram evidências à conclusão de que há, realmente, uma Amazônia inventada a partir do imaginário mediado por colonizadores.

É fato, é real, está registrado, que a invasão se consolidou em razão de um etnogenocídio principalmente. O Boi-Bumbá de Parintins, é a compreensão de que a cultura regional é plasmada nas encantarias das superfícies e profundezas dos rios, florestas, terras e ares amazônicos.

## **2.5 Os Sentimentos da Ilha Encantada do Festival de Parintins**

Os sentimentos religiosos, e paixão pela brincadeira do boi-bumbá de Parintins, são manifestações complementares do Parintinense. Garantido e Caprichoso são bois de promessa e existem para pagar graças divinas, alcançadas por seus fundadores, por interseção de santos, admirados pelo catolicismo popular.

O festival folclórico, por sua vez, nasceu na quadra esportiva da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo com grande respeito ao boi amado, aos santos devotados que corre no cotidiano, da vida da cabocla que ali vive, e se acentua nos momentos ritualizados nas festas e no festival.

No boi-bumbá, a cidade dá férias a certos valores da razão, e extravasa uma alegria incontida, na “festa da santa”, os valores da razão se deslocam, em parte, para o sentimento religioso. Os artistas e brincantes “contrários” que, por desventura, tenham “pecado” no calor da competição, quando a paixão, e o “fanatismo” pode desequilibrar até o mais fervoroso crente, agora se confraternizam na “festa da santa”.

Os brincantes de boi-bumbá, sempre estiveram envolvidos na organização da festa da padroeira, na condição de devotos, mas há ao menos duas décadas, passaram a atuar como representantes efetivos de garantido, e caprichoso, na confecção do andor, e ornamentação da nave da catedral, e do arraial feito anual, em homenagem a santa.

O trabalho “institucionalizado” dos artistas dos bois, começou com a montagem do andor definido pelo pároco da catedral, onde os artistas do boi-bumbá campeão se responsabilizariam pela produção do andor”, informou-se ao artista plástico Coriolano Carvalho, o “Karu”, artista de ponta do Caprichoso ele prosseguiu com a informação e “depois, juntou-se as equipes de artistas ‘contrárias’ e assumiram, com o aval das agremiações folclóricas, a ornamentação da igreja, e do arraial”, assim disse Karu, “os bois e a Igreja fornecem parte do material, e a outra parte, a gente consegue com os devotos da santa em Parintins, e em Manaus” e assim foi feito, e isso ocorre a cada ano.

A maioria dos artistas do Festival de Parintins, deve sua formação profissional à Igreja Católica Catedral, por intermédio da oficina de artes plásticas, e esculturas. Os artistas de formação acadêmica, e religiosos, chegou a Parintins no ano de 1976, para fazer os afrescos da Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Os que ali vieram, se encantaram com a cidade, nela se radicalizaram.

No entanto, foi por meio destes ensinamentos teóricos e práticos, que foi formado juntamente com Jair Mendes, a geração de artistas plásticos, e escultores da cidade de Parintins que, transformou-se na brincadeira do boi-bumbá de Parintins, tornou-se ao longo de décadas em um espetáculo de reconhecida beleza plástica.

A relação institucional oficiosa, entre os bois-bumbás, e a Igreja, pode ser lembrada em que, o festival folclórico nasce na quadra esportiva da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, por iniciativa da Juventude Alegre Cristã. Nesses últimos 40 anos, os bois-bumbás conquistaram a fervorosa simpatia dos Parintinenses.

Portanto, assim como as atividades, e festejos religiosos, as atividades e os eventos bovinos reúnem milhares de pessoas. Seria inevitável a competição por público entre a Igreja e os bois-bumbás.

Os padres mais conservadores não abandonaram a crítica, à “devoção” excessiva dos fiéis aos bois bumbás, mas ao menos são hoje mais tolerantes, até porque, a fé religiosa e fidelidade à folgança, também em Parintins, caminham com

os mesmos pés, e pulsam nos mesmos corações, e mentes. Nesse jogo, fé e interesse econômico se entrelaçam. O boi-bumbá, mesmo que se fundamente numa devoção religiosa, a promessa ao santo católico, nem sempre foi visto com bons olhos pelas autoridades da Igreja. Os eventos religiosos nos currais dos bois-bumbás, como rezas e ladainhas, eram dirigidos pelos próprios fiéis-foliões.

O crescimento, e a visibilidade da então brincadeira de terreiro para o mercado midiático, mudou essa relação antagônica, e ao menos em nível institucional, atualmente, os padres locais realizam a celebração eucarística, conhecida popularmente como missa nos próprios currais, em altares improvisados, nos palcos de shows.

Padres e bois-bumbás, vivem em paz e com empatia com suas cores, alguns foliões fiéis, descrevem que existem “padres azuis” e “padres vermelhos”, os religiosos dizem que, aceitam as afinidades e que lhes atribuem aos brincantes, asseguram que, no altar pregam a palavra de Deus, cuja mensagem é universal, evangelizadora e inclusiva.

Nos currais são celebradas duas missas anualmente, a primeira é uma missa para “abençoar” a entrada dos artistas nos galpões, e a segunda missa é para rogar sucesso à apresentação dos bois-bumbás na arena do bumbódromo. No Caprichoso, em 2011, também foi realizada uma missa em recomendação ao êxito da gravação do DVD oficial.

Os bois-bumbás são uma instituição popular dos Parintinenses. A missa feita no curral prova que a Igreja cumpre a sua missão de estar do lado do povo. É sinal, também, de que os brincantes e os artistas têm Deus em seus corações”. É após esse ritual religioso que os artistas do Garantido e do Caprichoso se sentem em condição espiritual para cumprir sua missão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, pode-se demonstrar o quanto é importante e rico o papel dos movimentos de cenas, e dos valores da cultura indígena inseridas no processo criativo nas mudanças ocorridas nas Tribos Coreografadas do Boi Bumbá Caprichoso no Festival Folclórico de Parintins. O que foi verificado em notícias, documentos e livros, revistas, artigos e teses de doutorado é que, desde o surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação tem havido mudança bem significativas nas áreas das danças e de apresentações folclóricas, o que de certa forma enriquece a apresentação e criatividade de quem trabalha para que a festa ocorra.

Ao verificar detalhes do período escolhido de 2014 ao ano de 2017 que teve como principal referência do estudo e a entrevista do tipo semi-estruturada com o coreógrafo do Boi Bumbá Caprichoso, Erick Beltrão, percebe-se que as coreografias, são influenciadas pela fetichização e/ou estigmas que circulam na nossa sociedade colonizada, ao mesmo tempo produz fenômenos socioculturais que geram transformações estéticas na cena do Boi Caprichoso e no cotidiano dos parintinenses.

O que se percebeu é que por meio de estudos de campo de observações dos acervos de fotos, está ali a sua história contada, o festival Folclórico de Parintins é de suma importância para sua gente, para artistas e dançarinos, e coreógrafos que fazem a diferença para que tudo aconteça da melhor forma possível nos dias do festival.

O objetivo deste estudo foi cumprido e entendemos que ele contribui para que se possa melhor compreender como estas festas populares amazônicas, como no caso dos bois-bumbás de Parintins, mesmo na sua versão espetacular, utiliza-se de expressões artísticas do imaginário regional e se manifesta denunciando e destacando questões fundamentais a cerca da diversidade social, cultural e biológica da Amazônia e de seu povo. Fica demonstrado, e vai muito além do espetáculo e da alegria, que temos conhecimento sobre a cultura deste povo que todos os anos brinca para contar um pouco de sua história ao mundo.

Sim, o Boi-Bumbá de Parintins, é a compreensão de que a cultura regional é plasmada com suas cenas encantadas que vem das profundezas dos rios das florestas e das terras e ares amazônicos. Repassando ao mundo um pouco dos seu brincar amazônico, ser feliz e repassar felicidade.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BARBOSA, Walmir Albuquerque. **O cordel na Amazônia**. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1996.
- BERTÉ, Rodrigo. **A Amazônia está agonizando**. EcoDebate, 2018.
- CAMPELLO, Clarissa. Santana, Pablo. **A Travessia do Boi: as brincadeiras na cultura popular brasileira**. 2019.
- CANEDO, Daniele. **Cultura é o quê?** Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. IN: V. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT). Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia, v. 27, 2009.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e saída modernidade de/Nestor García Canclini**; tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da introdução Gênese Andrade. 4ª ed. 7. Reimpr. São Paulo. Editora da universidade de São Paulo. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Espacios sonoros, tecnopolítica y vida cotidiana: aproximaciones a una antropología sonora**. Barcelona: CCCB, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2003.
- CARVALHO, Maria Rosário de. CARVALHO, Ana Magda. **Índios e caboclos: a história recontada**. Maria Rosário de Carvalho, Ana Magda Carvalho, organizadoras. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CAVALHEIRO, Juciane (Org.). **Literatura, interfaces, fronteiras**. Manaus: UEA Edições, 2012.
- CERQUA, Dom Arcangelo. **Clarões de fé no médio Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.
- COCUZZA, Felipe. **A música da Amazônia**. São Paulo: Zahar, 1992.
- DE MORAES, Mario. Rivalidade entre bois não estraga a festa: conheça as origens do Caprichoso e do Garantido. 2019. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/viagens/rivalidade-entre-bois-nao-estraga-a-festa->

conheca-as-origens-do-caprichoso-e-do-garantido-26082019. Acessado em: 12 de maio de 2022.

DOS SANTOS, Gabriel Augusto Nogueira dos. **Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins**: uma análise da retratação do Vale do Javari. 2017. Revista Cocar V. 14. N. 30, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3736>. Acessado em: 12 de maio de 2022.

GODIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2.<sup>a</sup> ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

GREINER, Christine. **O reenactment político da performance e seus microativismos de afetos**. Revista Científica/FAP. 2017.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia**: mitos e literatura. 3.<sup>a</sup> ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. 2003. Editora: Brasiliense. 2003.

LEÃO, Alisson. **Amazônia**: natureza e ficção. São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.

MATE, M. J. Amazonas. Governo do Estado. **A floresta amazônica e seu papel nas mudanças climáticas**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Manaus: SDS/CECLIMA, 2009.

MELLO, Anísio. **Igapó**: estórias e lendas da Amazônia. 2.<sup>a</sup> ed. Prelo, 2010.

MELLO, Thiago de. **No coração encantado da floresta**. São Paulo: Editora Cosac & Naif, 2003.

MINTZ, S. W. **O poder amargo do açúcar**: produtores escravizados, consumidores proletarizados. Organizado por Christine Rufino Dabat. Recife: Editora Universitária UPFE. 2017.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Jurupari e seus princípios**: ciclos e lendas e mitos juruparienses. Manaus: EDUA, 2001.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas**: boi-bumbá, ciranda e sairé. Manaus: Valer, 2014.

PEREIRA, Guilherme. **Pesquisa quantitativa em educação**: algumas considerações. 4<sup>a</sup> ED. 2016.

PINHEIRO, Amálio. **O meio é a mestiçagem**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/barroco-mestico/bibliografia.html> - Acesso em: 12 de maio de 2022.

SANTOS, Gabriel Augusto Nogueira dos. **Espaço e história do festival folclórico do amazonas**: contextos dos bumbás e garrotes na cidade de Manaus. 2019. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/247>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

SANTOS, Joelina Maria da Silva. **As toadas do bumba-meu-boi**: sobre enunciados de um gênero discursivo. 2015.

SOUZA, M. B.; CID, T. C.; QUINTELA, T. T.; SOUZA, S. B. **Gestão de estoque**: um estudo de caso na associação cultural boi-bumbá caprichoso. São Paulo: CESP/UEA, 2017. Disponível em: < <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/412>>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

YAGUARÊ, Yamana. **Murügua**: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá/Yaguarê Yamã e outros contadores e história. São Paulo: WWF/Martins Fontes, 2007.

### **SITES CONSULTADOS**

- <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/caprichoso-anuncia-erick-beltrao-como-novo-paje-azulado>;
- [https://boicaprichoso.com/caprichoso/uma-paixão-centenária](https://boicaprichoso.com/caprichoso/uma-paixao-centenaria);
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Boi\\_Garantido](https://pt.wikipedia.org/wiki/Boi_Garantido).



## APÊNDICES



GOVERNO DO ESTADO DO  
**AMAZONAS**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO**  
**CURSO DE DANÇA**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Bacharelado em Dança, sob a responsabilidade do pesquisador **Charles Bronson Gato de Souza** que pretende estudar **Movimentos de Cena e o Imaginário Amazônico da Tribo Coreografada do Boi Bumbá Caprichoso**.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de um roteiro de entrevista como um diálogo dirigido, e passará, primeiramente, por transcrição literal e, em seguida, os dados relevantes passarão por um processo de textualização para fins de estudos, pesquisas e publicações. Porém, ressalta-se que estas informações serão tratadas com sigilo e o devido rigor científico. Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa os informantes terão a liberdade de optar pela desistência ou sugestão de mudanças na investigação. Será publicada nota de esclarecimento em mídias digitais ou impressas. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a elaboração do referido Trabalho de Conclusão de Curso.

Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr. (a) desistir de continuar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Ressaltamos que pretendemos elaborar publicações sobre os resultados alcançados na pesquisa para serem apresentadas e discutidas em eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Barcelos 500 Centro, ou poderá entrar em contato também no endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728, Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-Am.



## CONSENTIMENTO

Eu, Erick Bruney Pense Beltrão li, tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, cedendo as informações disponibilizadas no processo de criação sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem, nome e dados biográficos revelados, além de todo e qualquer material entre fotografias e documentos por mim apresentados. Estou ciente de que não vou ganhar nada e que posso sair antes ou depois da coleta de dados.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

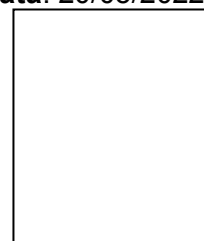
Erick Bruney Pense Beltrão

Assinatura do participante

Charles Bronson Gato de Souza

Assinatura do Pesquisador Responsável

**Data:** 20/05/2022



Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

## ANEXOS (1 a 7)

### FOTOS DO FESTIVAL DE PARINTINS

Anexo 1 - Bailarino Charles Bronson Gato de Souza.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).



**Anexo 2 - Charles Bronson Gato de Souza.**

Fonte: Arquivo pessoal (2022).



**Anexo 3 - Bailarino do Caprichoso atuando no palco.**



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

**Anexo 4 - Bailarinos se apresentando no palco do Caprichoso.**



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

**Anexo 5** - Bailarino do Caprichoso se apresentando na arena.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

**Anexo 6** - Apresentação bailarinos na arena do Caprichoso.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).



**Anexo 7 - Apresentação bailarinos na arena do Caprichoso.**



Fonte: Arquivo pessoal (2022).